

CENTRALIDADE DA SUBJETIVIDADE NA CIÊNCIA MODERNA

Ana Hirley Rodrigues Magalhães¹
Emanoel Rodrigues De Almeida²
Elisangela André Da Silva Costa³
Sinara Mota Neves De Almeida⁴

RESUMO

No padrão moderno de produção do conhecimento, a determinação da objetividade é substituída pela centralidade da subjetividade que passa a decidir a forma como o mundo pode ser compreendido. A unidade interna do mundo, preocupação do padrão de conhecimento greco-medieval, tornou-se incognoscível. O presente trabalho objetivou refletir o “pensar pós-moderno” da sociedade, o impacto da subjetividade no processo investigativo e conhecimento da vida. Estudo teórico-reflexivo construído por uma aluna do Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente UNILAB-IFCE em abril de 2021, a partir de uma atividade proposta na disciplina Pesquisa Aplicada à Educação. Esta reflexão permitiu compreender que as diferenças fundamentais entre os padrões greco-medieval e moderno de conhecimento e o padrão marxiano como forma de interpretação da realidade, cada um deles em sua configuração histórica e social constituem uma contribuição notável na produção do conhecimento. Concluiu-se que o método de investigação deve partir do real para produzir o conhecimento e permitir o desvendamento do fenômeno tal como ele é e o que determina, considerando a necessidade da produção de estudos que apontem para a emancipação humana, sem singularidades e imediatismos.

Palavras-chave: Pós-modernidade Conhecimento Subjetividade Objetividade .

UNILAB, Educação, Discente, ana.magalhaes@aluno.unilab.edu.br¹
IFCE, Educação, Docente, emanoel.almeida@ifce.edu.br²
UNILAB, Educação, Docente, elisangelaandre@unilab.edu.br³
UNILAB, Educação, Docente, sinaramota@unilab.edu.br⁴



INTRODUÇÃO

A pretensa objetividade do discurso científico pode ser concebida a partir do princípio da exotopia que pode ser entendido como o distanciamento do autor em relação ao objeto, seguido do momento de objetivação (BAKHTIN, 1993). Para Cortes (2009, p. 4) “esse momento de objetivação não deve ser confundido com indiferença em relação ao objeto”, pois, ao falar dele, o indivíduo assume certa atitude sobre ele. Nesse sentido, Bensaïd (1999) afirma que a ciência deve buscar a objetividade, ou seja, uma apropriação pelo sujeito de um conhecimento que corresponda ao objeto exterior, que com ele esteja conforme. Com isso, fica solucionado o enigma da objetividade em sua íntima relação com a ideia de verdade como conformidade: ele é estritamente dependente de uma identificação do sujeito e da pessoa individual que acompanhou, na história das ideias, a fixação do sentido contemporâneo do par de contrários subjetivo/objetivo. No processo de transição do feudalismo para o capitalismo ocorreu uma mudança de consideração sobre o objeto, passando a subjetividade a ter um enfoque maior que a objetividade (TONET, 2013). Destarte, a modernidade marca a ruptura epistemológica com um passado em que o pensar já era dado e o saber originado dos céus. A ideia de que a consciência não se constituía por meio da experiência, mas do divino, do absoluto. Nesse período, o secularismo se fez presente e a razão começava a se manifestar. As racionalidades passaram a ser produzidas e a importância dos conceitos razão e consciência tornaram-se fundamentais especialmente nas ciências sociais, com o surgimento dos saberes especializados, que passaram a representar uma ruptura no conhecimento do homem e de suas ações diante dos outros e da natureza (TENÓRIO, 2009). Esse movimento despertou no homem a necessidade de transformar o mundo e como a economia era a expressão da natureza humana, estes passaram a lutar para satisfazer suas necessidades básicas. Essa expressão por ser constituidora da sociedade, estava implicada apenas no âmbito da subjetividade manifestando-se nas áreas do direito, política, valores, educação, arte e filosofia. Essas transformações repercutiram na área do conhecimento, pois para os modernos, para produzir um conhecimento verdadeiro e transformador da natureza, os resultados devem ser passíveis de verificação por meio de critérios para averiguar sua veracidade. Assim, a experimentação e verificação empírica são duas características essenciais desta nova forma de cientificidade, para que não seja considerado apenas uma opinião. Por outro lado, o abandono daquela concepção de mundo, assentada na crença da existência de uma ordem universal essencialmente imutável, fez desaparecer o fundamento absoluto da verdade. Deste modo, a busca de novas bases sólidas para o conhecimento se tornou a primeira tarefa a ser enfrentada pelos pensadores modernos. E já que estas novas bases sólidas não poderiam ser encontradas no mundo objetivo, restava buscá-las no mundo subjetivo (TONET, 2013).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo teórico-reflexivo, de abordagem qualitativa, construído por uma aluna do Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente UNILAB-IFCE em abril de 2021, a partir de uma atividade de resenha proposta na disciplina Pesquisa Aplicada à Educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender essa mudança que resultou em tão grandes consequências, faz-se necessário entender o transcorrer do fenômeno da secularização e sua implicação em grande parte da forma como o pensamento moderno estruturou-se e as diferentes formas como ele ainda se modifica. Um dos acontecimentos históricos envolvidos na secularização foi a transição do sistema econômico feudal para o sistema econômico capitalista, que marcou o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna, com diversas mudanças nos campos social, cultural, econômico e político. Estas resultaram na crise do sistema feudal que esteve baseado



numa economia agrária e de subsistência, dando início ao pré-capitalismo. Assim sendo, o padrão greco-medieval primava pela busca da essência do ser, estabelecendo um modo de pensar que determinava o processo de apreensão da realidade. Enquanto a opinião fundava um conhecimento com base nos sentidos que não poderia ser comprovado, a episteme (conhecimento da essência), por sua vez significava que a razão, norteadada pela lógica, devia percorrer para, superando os obstáculos da aparência, alcançar a essência das coisas. De acordo com Tonet (2013), o processo de desenvolvimento histórico centrando suas atenções na transformação das condições objetivas permitiram e determinaram mudanças no padrão de conhecimento, saindo da centralidade da objetividade padrão greco-medieval para a centralidade da subjetividade padrão moderno, onde o sujeito passou a ser o locus privilegiado da produção do conhecimento. Logo, o ser humano passou a se tornar o elemento central da vida social em um processo de individuação e essa prioridade do indivíduo sobre a comunidade gerou um profundo impacto na constituição da ciência moderna. A objetividade não está expropriada da subjetividade e nem vice-versa. Os objetos e as forças da natureza são convertidos em meios e objetos de trabalho. A verdade se encontra posta no mundo, é concreta e o ato cognitivo se processa na medida em que o sujeito se debruça sobre o objeto, procurando apreendê-lo em sua completude e em sua processualidade histórica. Nessa acepção, para o autor o método materialista dialético possui um caráter absolutamente ontológico, pois busca compreender o ser em sua totalidade e em sua processualidade. Deste modo, não parte de elaborações teóricas centradas no sujeito, pois afirma que não é a subjetividade que determina a objetividade, mas, precisamente, o contrário. Sujeito e objeto se complementam e se determinam mutuamente (TONET, 2013). Teoria é, portanto, a tradução do objeto concreto em conceitos abstratos, é a apreensão intelectual da objetividade que se realiza por meio da abstração racional (subjetividade). O que conhecemos não é a realidade, mas o fenômeno, isto é, o objeto na medida em que ele é apresentado, organizado e entendido pelo pensamento. A realidade em si não está condicionada ao sujeito, por isso é impossível conhecê-la. Husserl defendia que a verdade enquanto totalização de um argumento, só pode ser um ideal do ponto de vista cognitivo e epistemológico, posto que admite tanto razões a favor como contrárias a um argumento qualquer que seja. Nenhuma ciência ou saber pode assimilar o conceito de verdade enquanto estrutura do real na medida em que o conhecimento não esgota o conceito de realidade. A produção do conhecimento no padrão moderno, segundo Tonet, exclui a busca da essência e da totalidade, por compreender que o mundo (objetividade) caótico somente pode ser organizada pela razão (subjetividade), mas nunca apreendido em sua essencialidade e totalidade. Todavia, Rey (2001), apresenta um pensamento de que a subjetividade é muitas vezes equivocadamente compreendida como dissociada da realidade, circunscrita a um universo meramente individual. Portanto, vale enfatizar que cada método ou linha de pensamento exerceu e exerce uma função na reprodução do ser social e que não existe forma definitiva de produzir ciência, mas, ao contrário, todos os pensamentos são uma forma, histórica e socialmente determinada, de construir o conhecimento.

CONCLUSÕES

A partir das leituras, conclui-se que a tendência de abandono da objetividade na construção do conhecimento se deu a partir do marco da revolução industrial que transformou a sociedade, ocasionando uma ruptura com o que havia anteriormente. O surgimento das fábricas, a produção em série e o trabalho assalariado são as principais características desta transformação, que alterou a economia, as relações sociais e até mesmo a geografia dos espaços. Nesse sentido, o impacto da subjetividade no processo investigativo e conhecimento da vida está relacionado à centralidade do homem no mundo moderno, em que tudo passa a ser julgado a partir do ser humano. Prevalece a subjetividade, a autonomia e uma tendência cada vez maior ao individualismo, ao consumismo e ao egocentrismo.



AGRADECIMENTOS

À Coordenação do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGE - UNILAB - IFCE) pela oportunidade. À Coordenadora do Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente e minha orientadora Profa. Dra. Sinara Mota Neves de Almeida pelos ensinamentos e partilha de experiências.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. Les frontières entre poétique et linguistique. In.: TODOROV, T. Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique. Paris: Seuil, 1981. Bensaïd, D. Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999. CORTES, G. R. O. Dialogismo e alteridade no discurso científico. Eutomia, Ano II, n.2, p.1-11, 2009. REY, F. L. G. A pesquisa e o Tema da Subjetividade em Educação. In 24ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, MG: 2001. TENÓRIO, F. G. A modernidade e a pós-modernidade servidas em dois jantares. Cadernos EBAPE.BR, v. 7, n. 3, 2009. TONET, I. Método científico: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

